

# Apontamentos metodológicos sobre o uso de desenhos na pesquisa clínica em Psicologia Analítica

Paulo Afranio Sant'Anna

## RESUMO

O uso de desenhos como ferramenta de investigação e intervenção em psicologia tem sido amplamente estudado e difundido. Entretanto, no âmbito da pesquisa clínica, verifica-se a necessidade de melhor sistematização dos procedimentos de produção e análise de dados. O presente artigo tem por objetivo discutir procedimentos metodológicos para o uso de desenhos nas pesquisas clínicas em Psicologia Analítica. Inicia com uma breve discussão sobre a pesquisa clínica nesse campo teórico, destacando a relevância do estudo de imagens para a investigação do inconsciente. São apresentados os principais conceitos que fundamentam os estudos que recorrem ao desenho como instrumento de produção de dados. Considerando maior rigor nas pesquisas acadêmicas, são realizados apontamentos sobre estratégias metodológicas de produção e análise do desenho no contexto da investigação clínica.

*Palavras-chave:* Psicologia analítica; pesquisa clínica; metodologia; desenho.

## ABSTRACT

### Methodological notes on the use of drawings in Analytical Psychology clinical research

The use of drawings as an investigation and intervention tool in psychology has been widely studied and disseminated. However, within the scope of clinical research, there is a need for better systematization of data production and analysis procedures. This article aims to discuss methodological procedures for the use of drawings in Analytical Psychology clinical research. It begins with a brief discussion of clinical research in this theoretical field, highlighting the relevance of image study for investigating the unconscious. The main concepts that underpin studies that use drawing as an instrument for data production are presented. Considering the need for greater rigor in academic research, notes are made on methodological strategies for drawing production in the context of clinical research, as well as on the different levels of analysis.

*Keywords:* Analytical psychology; clinical research; methodology; drawing.

## Sobre os Autores

P.A.S.  
orcid.org/0000-0002-8284-1481  
Universidade Federal dos Vales  
do Jequitinhonha e Mucuri  
(UFVJM) - Diamantina, MG  
pa.anna1@gmail.com

## Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



O presente artigo tem por objetivo realizar uma breve discussão sobre as especificidades e desafios da pesquisa em Psicologia Analítica, a partir dela discutir procedimentos metodológicos que utilizam desenhos como ferramenta para a produção de dados em contextos de pesquisa clínica. Considerando a natureza qualitativa desses procedimentos, destaca-se a importância de sua sistematização de modo a garantir maior rigor na produção e na análise de dados.

No âmbito clínico, a Psicologia Analítica se distingue pela ênfase dada aos fenômenos psíquicos inerentes ao processo de individuação, entendido como um movimento em direção à totalidade psíquica por meio da integração das partes conscientes e inconscientes da personalidade. Numa perspectiva pós-junguiana, esse movimento se desdobra do nascimento à morte (Samuels, 1989).

Formulada com base em estudos de casos, observações clínicas e em estudos comparativos de sistemas culturais (mitologia, religiões, alquimia, arte etc.), atualmente a Psicologia Analítica revela um esforço crescente em integrar na investigação métodos científicos de outras naturezas, como os estudos de base etnográfica, estudos de campo, estudos com neuroimagens etc. Nesse sentido, a interseção entre os estudos de natureza comparativo-hermenêutica<sup>1</sup> e o rigor empírico pode oferecer uma visão única da pesquisa em psicologia, com ênfase nas imagens psíquicas, no simbolismo, na mitologia, nos sonhos entre outros.

A pesquisa em Psicologia Analítica se fundamenta nos conceitos desenvolvidos por C.G Jung, entre eles o inconsciente coletivo, arquétipo, complexo, símbolo e processo de individuação. O inconsciente coletivo refere-se a uma camada da psique compartilhada por toda a humanidade, formada por padrões universais, arquétipos, que estruturam imagens e comportamentos típicos (Jung, 1971/1986). Pesquisadores interessados nesse campo investigam como os arquétipos estruturam os sonhos, os mitos, as fantasias e as expressões artísticas indicando os desdobramentos da psique individual e coletiva.

No âmbito da pesquisa clínica, estudos longitudinais em contextos terapêuticos analisam como indivíduos experimentam o desenvolvimento da consciência ao longo do tempo, observando as fases de integração de conteúdos inconscientes e os desafios enfrentados no caminho para a autorrealização do potencial psíquico contido no Self (Samuels, 1989).

Embora Jung tenha iniciado suas pesquisas utilizando o método experimental na construção do Teste de Associação de Palavras (Jung, 1979/1997), a Psicologia Analítica em seu desenvolvimento enquanto campo teórico adotou, preferencialmente, métodos de pesquisa qualitativos centrados na experiência subjetiva e nos significados simbólicos expressos nas imagens psíquicas e culturais. Entre eles destacam-se os estudos de casos clínicos e os

estudos comparativos-hermenêuticos de materiais simbólico-culturais.

O estudo de caso clínico ainda é o método de pesquisa mais utilizado. Nele, o pesquisador documenta e analisa o desenvolvimento do paciente ao longo do tempo, especialmente no que tange à emergência de símbolos arquetípicos e à manifestação dos complexos relativos ao processo de individuação. McGuire & Hull (1978), sinalizam que os estudos de caso oferecem uma narrativa rica sobre os desdobramentos da psique, embora muitas vezes, por serem produzidos no contexto do atendimento clínico, careçam do rigor necessário à pesquisa empírica tradicional.

Já, os estudos comparativos-hermenêuticos se fundamentam na natureza universal dos arquétipos. Uma parte importante da pesquisa em Psicologia Analítica envolve o estudo de símbolos arquetípicos em diferentes culturas. Segundo Rensma (2009), a análise comparativa de mitos, rituais e práticas espirituais ao redor do mundo sugerem a existência de padrões simbólicos compartilhados, corroborando a hipótese do inconsciente coletivo.

No âmbito acadêmico, a pesquisa em Psicologia Analítica enfrenta diversos desafios. Primeiro, a singularidade dos sentidos evocados pelos símbolos e arquétipos dificulta o desenvolvimento de métodos padronizados de análise. Embora a riqueza simbólica ofereça uma compreensão profunda da psique, a interpretação de símbolos varia entre culturas e indivíduos, tornando difícil a criação de um sistema de análise unificado.

A tentativa de quantificar processos arquetípicos também apresenta desafios metodológicos, pois a subjetividade inerente à experiência simbólica resiste à categorização empírica. Além disso, o método de estudo de caso clínico, amplamente utilizado, enfrenta críticas devido a sua baixa capacidade de generalização e replicabilidade. Embora esforços estejam sendo feitos para integrar a abordagem quantitativa à pesquisa sobre as expressões simbólicas em grupos, culturas ou segmentos específicos (portadores de uma doença ou de uma determinada condição psíquica), a pesquisa quantitativa, mais frequente em outras áreas da psicologia, é limitada no âmbito da Psicologia Analítica.

Mais recentemente, observam-se tentativas de promover diálogos entre a Psicologia Analítica e outras disciplinas, como a neurociência, a psicologia do desenvolvimento, a psicologia social e a antropologia, enfatizando aspectos da teoria pouco desenvolvidos. Neurocientistas, por exemplo, investigam como certas áreas do cérebro podem estar associadas à experiência simbólica, e como padrões arquetípicos podem estar enraizados nas estruturas neurais (Kosslyn et al., 2001). Além disso, a antropologia cultural contribui para a análise das imagens arquetípicas por meio do estudo comparativo de mitos e práticas religiosas em culturas distintas, reforçando a ideia de que certos símbolos transcendem barreiras culturais (Rensma, 2009). Outro

campo de pesquisa emergente é a análise de grandes corpora de textos e narrativas utilizando métodos de análise de dados e linguística computacional. Esses métodos permitem que pesquisadores identifiquem padrões simbólicos recorrentes em grandes amostras de textos mitológicos e literários, oferecendo uma nova perspectiva sobre o inconsciente coletivo em um nível empírico mais abrangente.

Importante destacar que a busca pela objetividade em pesquisa, não implica na ausência do sujeito. Do ponto de vista epistemológico, a Psicologia Analítica de Jung resgata a importância da subjetividade do cientista. Contrariando o paradigma da objetividade, Jung defende que todo conhecimento é influenciado pela constelação psicológica do pesquisador, um conceito que ele denomina de equação pessoal. Isso indica que a subjetividade é uma característica inerente a qualquer ponto de vista (Wahba, 2025).

## **SOBRE O MÉTODO QUALITATIVO**

O rigor em pesquisa qualitativa tem sido objeto de extensos e tensos debates, pois os critérios tradicionais de validade e confiabilidade, mais comuns em pesquisas quantitativas, não se aplicam da mesma maneira (Turato, 2013). Entre os critérios de rigor em pesquisa qualitativa destacam-se: a) a credibilidade dos dados e da análise, b) a transferibilidade dos achados (possibilidade de aplicá-los em outros contextos), c) a estabilidade das interpretações ao longo do tempo e d) a transparência no processo de produção e análise de dados (Morse et al, 2002). Nesse sentido, os instrumentos de produção de dados como entrevistas, grupos focais, provas projetivas, observações, entre outros, devem ser escolhidos com cuidado. A formação e a preparação do pesquisador são cruciais para garantir que os dados produzidos sejam ricos e significativos (Kvale, 2007, Turato, 2013). A análise de dados qualitativos, por sua vez, deve ser sistemática e rigorosa. Métodos como a análise temática, a análise de conteúdo, a análise de discurso, análise hermenêutica, entre outros, são algumas das abordagens utilizadas.

Os critérios de rigor metodológico descritos acima indicam a necessidade de um bom planejamento de pesquisa, evidenciando o processo de construção do problema e do objeto de pesquisa e suas implicações para a definição das estratégias que o pesquisador irá adotar para produzir e analisar dados (Sá, 1998). Nesse sentido, a transparência do processo de construção e execução de uma investigação de natureza qualitativa, é fundamental para a sua validação no campo científico. Na descrição do método, o pesquisador deve ser claro e preciso, indicando e justificando os procedimentos adotados, de modo a favorecer que avaliadores externos compreendam o raciocínio de pesquisa adotado para a obtenção dos resultados apresentados.

Grande parte da pesquisa clínica em psicologia é realizada a partir de materiais registrados em contextos clínicos (psicoterapia, psicodiagnóstico, grupos terapêuticos etc.), ou seja, numa dinâmica mais fluida, pouco estruturada do ponto de vista da pesquisa, pois não favorece a padronização da produção e registro de dados, assim como a sistematização das análises. Por outro lado, a pesquisa no contexto acadêmico, visa produzir investigações com maior controle dos processos de produção, registro e análise dos dados, visando um certo grau de replicabilidade, verificação e generalização.

A pesquisa no contexto clínico pode ser *longitudinal* ou *transversal*. Estudos longitudinais, como os *estudos de caso*, acompanham o processo de um indivíduo por um determinado período, descrevendo e analisando sua evolução. Já os estudos *transversais* incluem pesquisas comparativas, que correlacionam materiais clínicos de diferentes sujeitos. Neles, a análise se concentra em uma ou mais variáveis compartilhadas entre os participantes, como sintomas, traumas ou comportamentos, a fim de encontrar padrões ou relações.

## **O USO DE DESENHOS NA PESQUISA CLÍNICA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

O inconsciente, seja na sua dimensão coletiva quanto individual, só é acessível à consciência quando se objetiva por meio de uma imagem, de um sintoma ou comportamento (Jacobi, 1986). A pesquisa que tem como objeto os fenômenos psíquicos inconscientes, trabalha com os elementos que dão forma a esses fenômenos apresentando-os à consciência. Ou seja, o acesso ao inconsciente é sempre mediado pelas suas manifestações na consciência: imagens, sintomas ou comportamentos.

Jung (1961/1989) destaca a importância da objetivação das imagens psíquicas por meio de recursos expressivos. Primeiro, do ponto de vista clínico, devido ao seu efeito despontencializador. Imagens desencadeadas por uma ativação intensa do inconsciente podem ser altamente perturbadoras e até disruptivas. Ao expressá-las de forma objetiva, seja por meio da pintura, do desenho, do jogo de areia, da argila, da poesia etc., alivia-se a carga emocional e cria-se um distanciamento que favorece uma relação construtiva entre o ego e o inconsciente. Segundo, do ponto de vista da pesquisa clínica e do diagnóstico, uma sequência de imagens de um mesmo indivíduo, ou um conjunto de imagens de um grupo de pessoas que compartilham uma condição ou experiência específica, fornecem elementos significativos para a compreensão dos processos psíquicos em desenvolvimento.

Entre os variados recursos expressivos, o desenho tem demonstrado ser uma ferramenta valiosa na pesquisa no campo da psicologia. Na pesquisa clínica, o uso de desenhos

permite ao psicólogo obter dados sobre o estado emocional e psíquico do paciente de maneira não invasiva. Estudos mostram que a interpretação de desenhos pode fornecer indicações sobre traços de personalidade, níveis de ansiedade, traumas e outros aspectos clínicos relevantes (Cox, 2007; 2016; Deguara & Nutbrown (2024); Di Leo (1973); Farokhi & Hashemi (2011); Furth, 2004; Hander & Thomas (2014); Rodulfo, 1993). Além disso, o uso de desenhos em pesquisas longitudinais possibilita observar mudanças no psiquismo ao longo do tempo, revelando a evolução do processo terapêutico e o progresso em direção à integração de aspectos inconscientes. Dentre os métodos mais utilizados está o Desenho da Figura Humana, amplamente aplicado para avaliar aspectos da personalidade e das relações interpessoais. Na abordagem junguiana, no entanto, não há uma leitura fixa ou prescritiva do desenho; ao contrário, a interpretação é simbólica e aberta à subjetividade tanto do paciente quanto do analista, buscando identificar temas recorrentes e transformações no uso de cores, formas e elementos visuais. Esse processo permite uma análise que vai além da psicomетria tradicional, explorando a narrativa simbólica presente em cada traço.

Embora o uso de desenhos em psicoterapia e pesquisa clínica traga benefícios claros, é importante reconhecer suas limitações. Um dos principais desafios reside na subjetividade inerente à interpretação dos símbolos, que pode variar significativamente entre diferentes terapeutas e/ou pesquisadores. A ausência de critérios padronizados para a produção e a análise dos desenhos pode dificultar a replicabilidade dos resultados em contextos de pesquisa. Além disso, a validação empírica dessa técnica é um campo que ainda requer maior desenvolvimento.

Outro aspecto a ser considerado no estudo de desenhos é a importância do contexto cultural. Os símbolos, embora universais em certa medida, são influenciados pelas experiências culturais e pessoais dos indivíduos. Assim, a análise deve sempre considerar o contexto de vida do paciente, evitando interpretações excessivamente genéricas ou descontextualizadas (Wahba, 2025).

## **APONTAMENTOS METODOLÓGICOS PARA USO DE DESENHOS EM PESQUISA CLÍNICA**

Em relação à produção dos dados com uso de desenhos, em ambos os tipos de estudo, há certas orientações metodológicas a serem observadas:

**Planejamento da produção de dados:** antes de iniciar o processo de produção de dados o pesquisador precisa ter clareza das variáveis que irá identificar, registrar e analisar. Portanto, as metodologias a serem adotadas nesse processo devem estar bem alinhadas à questão e aos objetivos de pesquisa. Ao escolher o desenho como instrumento de produção de dados é preciso considerar uma série de fatores

que justifiquem essa escolha. Por que utilizar o desenho e não outra estratégia de produção de dados? Qual o tipo de desenho pode produzir informações significativas para responder à questão de pesquisa? Desenho livre, desenho temático, desenho-história, técnica dos rabiscos, desenhos cinéticos, desenhos interativos, como ou sem uso de cores, com ou sem uso de outros materiais plásticos etc. Cada tipo de técnica tem um potencial específico que precisa ser bem identificado para que o pesquisador alcance os resultados esperados.

Além dos diferentes tipos de desenhos, é necessário identificar a melhor forma de fazer os registros dos dados garantindo que as informações obtidas no contexto de produção do desenho não se percam, ou que sejam registradas de forma aleatória, sem nenhuma preocupação com a sistematização delas. Nesse sentido, é indicado que o pesquisador construa um formulário de registro no qual ele pode prever os descritores que quer registrar considerando a sua relevância para a análise. No caso de contextos clínicos individuais, o formulário também pode contribuir para que o pesquisador foque nas questões pertinentes ao seu estudo, mesmo que mantenha o fluxo natural dos atendimentos. No caso de pesquisas transversais com vários sujeitos, o formulário permite uma padronização dos registros que, nessas situações, geralmente são realizados por mais de uma pessoa. Importante destacar, que é altamente indicado que antes do início do processo de produção de dados seja realizado um estudo piloto com sujeito(s) com características similares ao(s) que comporá(ão) o estudo para que se possa avaliar e refinar as técnicas escolhidas, os instrumentos de registros e a qualidade dos dados obtidos.

**Descrição do contexto de vida dos sujeitos de pesquisa:** fundamental para qualquer estudo de natureza qualitativa é compreender bem o contexto de vida do(s) sujeito(s) que participará(ão) da pesquisa. Uma descrição detalhada que inclua a história da pessoa, principais eventos relacionados ao sintoma, ao quadro clínico ou condição psíquica dela, as condições sociais e culturais em que ela está inserida, organização familiar a que pertence, queixas iniciais trazidas para a terapia (nos estudos de caso), descrição do quadro que é objeto de estudo (nos estudos comparativos) etc. Essas informações devem ser o ponto de partida e de chegada da análise, ou seja, elas oferecem os elementos a partir dos quais a análise dos dados se desenvolve, assim como os elementos que garantem que os resultados do processo interpretativo se sustentem na realidade existencial dos sujeitos.

**Delimitação do contexto de produção do desenho:** o contexto no qual um desenho é produzido é uma variável importante a ser considerada pelo pesquisador. Seja em um processo clínico (diagnóstico ou intervenção), seja em um estudo comparativo, é altamente indicado criar um contexto de produção do desenho o mais uniforme possível, evitando

assim que variações desse contexto possam interferir nas produções. Nesse sentido, a uniformização do local de realização do desenho (consultório, ambulatório, escola, hospital etc.) e o número e a função das pessoas presentes no momento da produção dos desenhos são aspectos a serem considerados.

**Conjunto de orientações dadas pelo pesquisador ao (s) sujeito (s) de pesquisa:** o desenho é livre ou temático; surge espontaneamente no processo ou foi sugerido pelo terapeuta/pesquisador; está relacionado a um sonho; quais materiais foram disponibilizados, lápis preto e/ou coloridos, tipo de suporte - folha A4 ou outro tamanho; branca ou colorida; lisa ou com textura, qual a orientação do papel, horizontal (paisagem) ou vertical (retrato); quanto tempo foi dado para o sujeito desenhar, livre ou controlado; foi permitido o uso de borracha, régua ou outro material auxiliar; foi solicitado um título para o desenho; enfim, cada detalhe deve ser descrito, pois podem ser significativos para a análise.

**Descrição do processo de produção do desenho:** O desenho é o registro de um gesto, portanto, além de um traço no papel há um corpo que se expressa. Nesse sentido, é importante descrever os comportamentos e verbalizações que acompanham a confecção do desenho. A pessoa aceita a proposta do desenho sem resistência ou apresenta resistência; está agitada, ansiosa ou relaxada, está em silêncio ou relata algo relacionado ou não ao desenho; faz perguntas sobre a tarefa proposta; busca aprovação sobre a qualidade do desenho; expressa algum sentimento de alegria ou tristeza, de desconforto ou confiança; apresenta alguma dificuldade com o manuseio dos materiais (papel, lápis etc.); usa borracha com frequência; rabisca partes do desenho para recomeçar em outra lugar da folha; utiliza o tempo disponível ou faz o desenho rapidamente e sem envolvimento etc. Esses detalhes são indicadores importantes para a análise e interpretação do desenho. Desenhos muito bem-organizados e estruturados podem vir acompanhados de emoções contraditórias que se revelam na agitação, nas verbalizações ou na relação com o pesquisador. Nesse caso, a organização do desenho poderia ser entendida como tentativa de controle ou mecanismo de compensação para uma desorganização interna do indivíduo.

**Exploração inicial do desenho:** O desenho é uma forma de comunicação válida em si mesma, portanto, em tese, poderia ser analisado a partir de seus próprios referentes (Kress & Van Leeuwen, 2020; Santaella & Nöth, 1999). Entretanto, isso só é possível quando há um conjunto de produções de um mesmo autor que forneça um contexto comparativo em que mudanças, tendências, repetições, variações etc. possam ser identificadas e interpretadas à luz da realidade psíquica do indivíduo. A natureza peculiar da produção gráfica demanda que sejam coletadas informações complementares para que não se corra o risco de interpretações viciadas, carregadas de

projeções por parte do pesquisador-terapeuta e desconectadas da realidade psíquica do sujeito. Nesse sentido, indica-se que durante ou após a produção do desenho, seja realizado um diálogo mediado pelas imagens desenhadas, explorando o que a pessoa quis expressar de modo a sanar dúvidas sobre as figuras e/ou outros aspectos do desenho que não estão claros para o pesquisador. Importante observar que esse não é um momento interpretativo e sim exploratório, portanto, deve ater-se à expressão gráfica e às possíveis associações que o sujeito produz a partir delas.

Esse processo exploratório, a depender das questões e objetivos do estudo, pode ser estruturado, por meio de um roteiro de perguntas pré-definido, ou mais aberto, seguindo o fluxo de perguntas que emergem da relação com o desenho e a situação psíquica do sujeito.

Finalizando o momento de produção do desenho é importante registrar o que foi tratado durante a sessão, temas emergentes, relatos de sonhos, reações emocionais, elaborações alcançadas sobre o que foi trabalhado, intercorrências entre a sessão anterior e a atual etc.

Tendo em vista a organização do material produzido, são necessários alguns cuidados. Finalizada a produção do desenho, não se faz nenhuma anotação sobre o desenho. Qualquer anotação deve vir no verso da folha ou em folha anexa, pois intervenções na face do desenho podem criar ruídos na leitura ou fornecer dados que possam identificar o sujeito. Ambas as situações, podem vir a ser um problema na hora de publicar ou apresentar o trabalho em algum evento científico.

No verso da folha ou em folha anexa realizar a codificação do desenho com informações chaves: iniciais ou código do sujeito, data de produção, número do desenho se fizer parte de uma sequência de desenhos, tema e título (se tiver sido solicitado). Arquivar o desenho numa pasta na qual permanecerão todos os registros relativos ao sujeito. Essa organização e codificação inicial visa garantir a qualidade e a segurança do material, assim como facilitar o acesso a ele.

Nesse momento cabe também ao pesquisador fazer anotações iniciais sobre as suas primeiras percepções sobre o desenho, apontado possíveis significados e insights.

Após a produção dos desenhos e a organização inicial das informações obtidas pelo pesquisador no processo exploração e codificação, é possível passar para a etapa de análise e interpretação. Cabe esclarecer, que não necessariamente essas etapas devem suceder uma à outra de forma sequencial, elas podem ocorrer simultaneamente ou mesmo em ciclos interpretativos (Turato, 2013), a depender da experiência do pesquisador com processos de análise.

A análise dos desenhos propriamente dita pode incluir diversos procedimentos analíticos que conduzem a diferentes níveis interpretativos. Estes devem ser definidos

segundo os objetivos de cada estudo. Ou seja, os resultados das análises podem revelar desde aspectos particulares da dinâmica psíquica de um indivíduo em seu contexto de vida, até indicar possibilidades de generalização simbólica que evidenciam padrões arquetípicos de funcionamento psíquico culturalmente condicionados.

Importante destacar que não há um manual ou dicionário de significados fixos para analisar os componentes de uma representação gráfica. O que se tem, são indicadores que devem ser considerados no conjunto de todos os outros dados que o desenho fornece. Um indicador é antes de tudo uma possibilidade interpretativa, que deve ser validado a partir da relação de significância que adquire no contexto geral do desenho e da realidade psíquica do sujeito que o produziu.

### **LEITURA INICIAL DO DESENHO**

O trabalho analítico sobre o desenho se inicia com a tentativa de realizar uma leitura dos elementos que o compõem. Nesse momento, deve-se focar a capacidade comunicativa do desenho (Kress & Van Leeuwen, 2020; Santaella & Nöth, 1998), portanto é importante explorar as suas características gráficas - a composição, a dinâmica, a coerência, as rupturas (Furth, 2004), etc. Alguns aspectos gráficos devem ser analisados:

**O traço:** enquanto registro de um gesto, pode revelar dinâmicas emocionais que se expressam no corpo. Um traço leve e desvitalizado pode indicar um estado depressivo ou baixa catexização do objeto representado. Um traço com descontinuidades e oscilações pode sugerir insegurança, fragilidade ou dissociação. Um traço borrado, com variações significativas de pressão do lápis pode estar relacionado a ativações emocionais (raiva, angústia, ansiedade, pânico entre outras). Importante observar as variações do traço em diferentes partes do desenho como um todo ou em diferentes partes das figuras.

**A cor:** o uso ou não da cor na composição do desenho só pode ser considerada quando essa possibilidade tiver sido oferecida ao sujeito na hora de desenhar. O uso da cor pode variar de desenho para desenho de uma mesma pessoa, em diferentes partes de um mesmo desenho, entre desenhos de diferentes pessoas de um mesmo grupo etc. Os desenhos podem ser monocromáticos (uso de uma cor ou de variações da mesma cor) ou policromáticos (uso de várias cores). As cores podem ser utilizadas de forma realista, reproduzindo as cores originais dos objetos e figuras, ou podem ser utilizadas livremente, de forma inconveniente, o que cria um efeito subjetivo à representação. As cores quentes (amarelos, vermelhos, laranjas e derivadas) geralmente estão associadas a estados emocionais intensos, conflituosos, eróticos etc., já as cores frias estão associadas ao relaxamento, à introversão, à tranquilidade, à natureza etc. Os significados das cores podem estar ligados a tradições

culturais e podem variar muito de cultura para cultura, ou podem estar associados a preferências e significados particulares do indivíduo. Variações abruptas do uso da cor numa série de desenhos, podem indicar uma ativação psíquica, a eclosão ou resolução de conflitos ou a integração de conteúdos inconscientes.

**Figuras ou elementos do desenho:** a análise dos elementos que compõem um desenho, figuras humanas, animais, objetos, plantas, meios de transporte, figuras geométricas etc. pode oferecer indicações sobre o tema central da imagem desenhada. É importante verificar a relação que os elementos estabelecem entre si, seja no desenvolvimento de uma ação, na configuração de uma interação, na simetria ou discrepância do tamanho que são representados, no grau de detalhamento das figuras, dos objetos e de outros elementos etc., pois fornecem informações significativas sobre a dinâmica relacional dos elementos representados.

**Cenário:** os elementos de um desenho podem se articular compondo um cenário. O cenário revela, portanto, um conjunto de relações inerentes a um determinado contexto. A sua análise permite inferir a estrutura e/ou a dinâmica da situação representada. A presença ou ausência do cenário é um indicador do grau de organização de uma representação. Figuras soltas, sem relação entre si, flutuando no espaço revelam um baixo nível de articulação ou mesmo um certo grau de fragmentação. Por outro lado, cenários excessivamente estruturados, podem indicar um elevado nível de controle egóico. Alguns elementos da composição do cenário devem ser observados na análise: presença ou não de perspectiva, além de indicar níveis de desenvolvimento cognitivo, revelam também relações de tempo, de profundidade e de importância; o local representado no desenho pode indicar o tema e o contexto sobre o qual o desenho está tratando. Nesse sentido, o cenário situa um personagem, condiciona uma ação e indica relações específicas.

**Composição:** embora a análise possa considerar como indicadores aspectos isolados do desenho (traço, figuras, cor e cenário), ele precisa ser lido como uma totalidade. É a articulação dos vários elementos do desenho que compõem a mensagem, portanto entender a sua organização interna é fundamental para acessar o seu significado. A forma como o desenho está configurado pode indicar organização, coerência, harmonia, organicidade, racionalidade ou, no outro extremo, fragmentação, dissociação, desorganização, contradição, conflito, emocionalidade etc. A apreensão dessa organização é fundamental para que o pesquisador identifique a condição psíquica subjacente. Alguns aspectos da composição podem ser observados: a presença ou não de uma ação ou interação entre os personagens, pode ser um indicador importante para entender a dinâmica das situações ou grupos desenhados; contrastes no nível de elaboração gráfica em diferentes partes do desenho podem indicar

diferentes níveis de consciência e elaboração sobre determinado tema ou situação; a presença de rupturas ou divisões do espaço, podem sinalizar estados de fragmentação ou polarização psíquica; o uso do papel na posição horizontal (paisagem) ou vertical (retrato) estão associados a padrões representativos distintos. Desenhos realizados na horizontal tendem a produzir uma narrativa de caráter dinâmico. Já, os desenhos realizados na vertical tendem a produzir um retrato mais estático de uma situação, personagem ou objeto. (Kress & Van Leeuwen, 2020)

**Nível de desenvolvimento:** quando se analisa os elementos gráficos do desenho é importante considerar a fase de desenvolvimento em que se encontra a pessoa que desenha. Desenhos de crianças, diferem dos desenhos de adolescentes e adultos. Estudos sobre o grafismo oferecem um amplo repertório teórico metodológico que permite identificar os aspectos gráficos típicos de cada fase de desenvolvimento (Cox, 2007; Greig, 2004; Rodolfo, 1993). Ter acesso a esse repertório é fundamental para o pesquisador que se propõe a trabalhar com desenhos como instrumento de pesquisa.

### AMPLIFICAÇÃO AO NÍVEL DO SUJEITO

Um segundo nível de análise decorre a partir das informações que são agregadas ao desenho no momento da sua exploração. Amplifica-se a produção gráfica com os elementos associativos produzidos pelo sujeito na sua relação com o desenho, como também pelo conjunto de informações coletadas pelo pesquisador durante o processo de produção do desenho. No primeiro caso, as associações devem focar aspectos específicos do desenho que contribuam para a sua melhor compreensão - O que quis dizer com esse desenho? O que isto representa? Quem é esse personagem? O que ele está sentindo? O que ele está fazendo? Esta situação lembra alguma experiência sua? Essas perguntas visam ancorar o desenho na realidade psíquica do sujeito. No segundo momento, o pesquisador agrega os elementos da história de vida do sujeito, a dinâmica dos atendimentos, os temas abordados durante a sessão, os comportamentos e verbalizações observados durante a produção do desenho, enfim, qualquer informação que possa contribuir para evidenciar possíveis significados do desenho.

O importante nesse nível de análise é trabalhar com as informações e interpretações produzidas pelo sujeito, sem fazer movimentos interpretativos que lancem mão de conceitos teóricos ou de padrões arquetípicos para explicar o desenho. As associações feitas pelo sujeito e as observações do pesquisador geralmente produzem um bom entendimento do desenho suficientes para evidenciar aspectos da dinâmica psíquica - complexos, estados emocionais, tensionamentos, estruturação egóica, traumas etc.

### AMPLIFICAÇÃO NA SÉRIE DE DESENHOS

Um conjunto de desenhos realizados ao longo de um procedimento clínico constitui um material riquíssimo para o estudo de dinâmicas e processos psíquicos. O método de estudo de séries de imagens utilizado por Jung (1975/1994) para analisar sonhos, por Kallf (2003) para analisar cenas no jogo de areia (*sandplay*), por Silveira (1982) para estudar as obras produzidas por pacientes psiquiátricos, também se aplica ao estudo de desenhos ou de qualquer tipo de expressão imagética.

A série constitui um contexto comparativo que favorece a identificação dos movimentos da psique em um dado momento. À medida que as imagens do inconsciente se materializam no sonho, nas pinturas, nas cenas criadas no tabuleiro de areia ou nos desenhos, elas permitem uma nova relação com a consciência alterando, portanto, a sua dinâmica e organização. As mudanças que ocorrem de um desenho a outro, vão configurando uma narrativa que revela aspectos da psique que estão sendo integrados e transformados, assim como, aqueles que permanecem estagnados. Essas mudanças são indicadores importantes para estudos de caso clínico, pois permitem entender e avaliar os desdobramentos de uma condição psíquica, assim como, vislumbrar os impactos da intervenção clínica.

O fundamento do estudo de séries de imagens é o método comparativo, ou seja, busca-se por meio da comparação identificar numa sequência de imagens, os padrões e os elementos que se repetem e os que mudam, os elementos que surgem e os desaparecem, os elementos que se organizam e os que se desestruturam, os que ganham nitidez e os que perdem nitidez etc. Os desenhos isolados quando inseridos em um conjunto de desenhos ganham outra perspectiva, pois um desenho amplifica o outro, acrescentam novos sentidos e evidenciam o processo mais amplo no qual estão inseridos.

Uma sequência de desenhos para ser analisada deve estar bem documentada com informações sobre o processo de realização do desenho, as associações produzidas pelo sujeito, as observações do pesquisador sobre as sessões e a evolução do atendimento, enfim, todo um conjunto de dados que constituem a base empírica para dar sustentação a análise da série.

### ANÁLISE COMPARATIVA DE DESENHOS DE DIFERENTES SUJEITOS

No caso de estudos transversais o corpus é composto por um conjunto de desenhos de diferentes sujeitos que compartilham uma característica, uma experiência, um sintoma, uma condição psíquica, enfim, qualquer aspecto que seja o objeto de estudo da pesquisa. Por exemplo, um estudo sobre estresse pós-traumático em crianças, pode se basear na análise de desenhos de diferentes crianças que estudam numa escola onde ocorreu um ataque de um franco atirador.

Nesse caso, busca-se verificar por meio dos desenhos padrões emocionais comuns a esse grupo.

No processo de comparação dos desenhos é preciso considerar além dos aspectos gráficos, o contexto de produção do desenho, as associações de cada criança e as referências simbólicas compartilhadas pelo grupo. Estudos dessa natureza são importantes para identificar tendências ou possibilidades de reação psíquica diante de uma situação ou condição específica, o que oferece um certo grau de generalização.

### **AMPLIFICAÇÃO TEÓRICA**

Finalizadas as etapas de análise focadas no material empírico é possível iniciar o processo de expansão da análise no sentido da teoria e/ou no sentido da amplificação cultural. O processo de amplificação teórica deve ser muito cuidadoso e respeitoso com o material empírico. Um grande erro cometido por pesquisadores é tentar encaixar os dados na teoria, comprometendo profundamente o resultado da análise. Jung (1971/1986, 1961/1989) alerta com muita frequência para o perigo do reducionismo teórico na compreensão dos fenômenos psíquicos, pois estes são matéria viva, em constante movimento e transformação o que deve ser considerado no processo de análise e teorização.

A teoria é uma referência e não uma verdade. É preciso ter em mente que cada pesquisa científica, em tese, deveria pôr a prova a teoria. Os resultados obtidos corroboram ou refutam a teoria? Os conceitos utilizados para interpretar os dados empíricos favorecem maior legibilidade, profundidade ou clareza deles? A discussão teórica se articula de forma satisfatória com a realidade psíquica e existencial dos sujeitos de pesquisa? Nessa perspectiva, a teoria pode ser atualizada e enriquecida com novos dados e conceitos.

A amplificação teórica deve incluir além da teoria de base, os resultados de outras pesquisas e desenvolvimentos no mesmo campo teórico. No caso da psicologia analítica é importante considerar que existem distintas vertentes que tomam por referência as ideias seminais de Jung, mas que desenvolvem leituras teórico-metodológicas particulares. As três escolas descritas por Samuels (1989), clássica, desenvolvimentista e arquetípica, produzem interpretações muito diferentes a partir das manifestações imagéticas. Nesse sentido, é importante indicar em qual dessas escolas a análise será fundamentada.

### **AMPLIFICAÇÃO CULTURAL**

A amplificação cultural ou arquetípica se fundamenta no método comparativo-hermenêutico, uma abordagem que combina elementos da hermenêutica e da comparação, visando entender e interpretar textos, culturas ou fenômenos sociais a partir de uma perspectiva que leva em conta as semelhanças e diferenças entre eles. Essa metodologia é

frequentemente utilizada em áreas como a filosofia, a literatura, a sociologia, a antropologia e psicologia.

Esse nível de análise busca enriquecer o material empírico produzido na pesquisa sobrepondo materiais simbólicos de outras fontes que reverberem nele, abrindo novas possibilidades de interpretação. O objetivo não é explicar os dados usando um mito ou outra fonte simbólica, mas sim, fazer que o material simbólico evidencie certas propriedades do fenômeno psíquico estudado (Sant'Anna, 2001).

Sobrepor e comparar são os movimentos analíticos que caracterizam a amplificação. A comparação é uma parte essencial do método, permitindo que se identifiquem semelhanças e diferenças significativas entre os objetos de estudo. Isso pode revelar nuances que poderiam passar despercebidas em uma análise isolada. Segundo Jung (1971/1986) o símbolo não tem apenas um significado pessoal. Ao contrário, a sua importância está justamente na relação com as vivências arcaicas da humanidade. É por isso que o método mais adequado para a interpretação do símbolo é o da amplificação, que possibilita a ampliação do sentido individual pela comparação com paralelos tirados da mitologia, da religião e de outras expressões arquetípicas.

Assim como na hermenêutica tradicional, o contexto histórico, cultural e social dos indivíduos ou fenômenos é fundamental para a interpretação. O método comparativo-hermenêutico busca entender como esses contextos influenciam o significado. Nesse sentido, a amplificação deve produzir uma relação dialética entre o material empírico e o material simbólico cultural, de forma a manter uma tensão criativa entre eles.

O processo de amplificação cultural se inicia com a identificação de um mitema, um padrão narrativo que apresenta certa constância no material coletado. O mitema é uma estrutura que carrega um significado específico e pode ser visto como um bloco de construção de mitos. Ele pode incluir personagens, eventos, símbolos ou temas que aparecem em diferentes mitos e culturas, permitindo comparações entre narrativas. Por exemplo, a figura do "herói" ou o "conflito entre o bem e o mal" são mitemas que podem ser encontrados em várias tradições culturais. A análise dos mitemas pode revelar significados mais profundos e universais nas histórias, permitindo uma compreensão mais rica das culturas que as produzem.

É recomendável que o pesquisador priorize o repertório cultural do(s) sujeito(s) de pesquisa, ou seja, que busque as referências simbólicas presentes no contexto de vida deles. Quais são os elementos da cultura local – mitos, lendas, contos de fadas, ritos, sistemas religiosos etc. – que afetam diretamente o(s) sujeito(s)? Estas narrativas simbólicas contêm mitemas que jogam luz no material em análise? Estas narrativas locais podem ser enriquecidas com narrativas de outras culturas? Este processo de amplificação deve perdurar até o momento em que a conexão com a realidade empírica

dos sujeitos de pesquisa é mantida. Quando uma interpretação satisfatória é alcançada, o processo de amplificação pode ser interrompido por saturação.

Nem sempre é possível identificar mitemas nos desenhos e nesse caso o pesquisador deve trabalhar com o material produzido nos outros níveis de análise indicados anteriormente, evidenciando a dinâmica psíquica no nível pessoal. Quando presentes, os mitemas podem ser reconhecidos de diversas formas, seja pela estrutura, pelos temas, pela composição das figuras e/ou pela dinâmica.

### INTEGRAÇÃO DOS DIFERENTES NÍVEIS DE ANÁLISE

Finalizadas todas as etapas de produção, organização e leitura dos dados é necessário realizar uma síntese buscando integrar todos os elementos observados nesse processo. Esse é um momento de caráter interpretativo, ou seja, o pesquisador deve formular uma discussão em torno da sua pergunta de pesquisa utilizando os elementos teóricos acionados na revisão da literatura, o material empírico coletado e as análises realizadas. Como dito anteriormente, em estudos qualitativos, a contextualização da interpretação na realidade existencial do(s) sujeito(s) é de fundamental importância para a sua validação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de desenhos na pesquisa clínica, no âmbito da Psicologia Analítica, é uma ferramenta valiosa para acessar o inconsciente e aprofundar a compreensão do processo de individuação. Apesar da complexidade dos símbolos e dos desafios de sua interpretação, os desenhos se mantêm como um recurso importante tanto na terapia quanto na investigação de processos psíquicos complexos.

Para que essa ferramenta alcance seu potencial pleno, é fundamental que sua aplicação seja acompanhada de um *rigor metodológico* que garanta a qualidade dos dados. O presente artigo buscou contribuir nesse sentido, oferecendo orientações sobre a sistematização da produção e análise dos desenhos.

Investigações futuras na Psicologia Analítica podem se beneficiar da adoção de métodos mais padronizados para o trabalho com expressões simbólicas, o que fortalecerá a validade científica da pesquisa e abrirá portas para um diálogo mais robusto com outras áreas da psicologia.

### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

O autor declara não possuir conflitos de interesse ao desenvolver esse trabalho.

### REFERÊNCIAS

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Cox, M. (2007). *Desenho da criança*. Martins Fontes.
- Deguar, J., & Nutbrown, C. (2024). *Children Making Meaning: Exploring Drawings, Narratives, and Identities* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003427582>
- Di Leo, J.H. (1973). *Children's Drawings As Diagnostic Aids* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315831312>
- Farokhi, M. & Hashemi, M. (2011). The Analysis of Children's Drawings: Social, Emotional, Physical, and Psychological aspects. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 30, 2219-2224. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.10.433>
- Furth, G. F. (2004). *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. Paulus.
- Greig, P. (2004). *A criança e o seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Artmed.
- Hander, L. & Thomas, A. D. (2014). *Drawings in assessment and psychotherapy: research and application*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203110171>
- Jacobi, J. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G.Jung*. (1986). Cultrix.
- Jung, C.G. (1986). *A natureza da psique*. (2a.ed., M, R, Rocha Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1971)
- Jung, C.G. (1989). *Memórias, sonhos e reflexões*. (11a. ed., D. F. da Silva Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1961)
- Jung, C.G. (1994). *Psicologia e alquimia*. (2a.ed., D. F. da Silva Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Jung, C.G. (1997). *Estudos Experimentais*. (L. M. E. Orth Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Kalff, D. (2003). *Sandplay: A psychotherapeutic approach to the use of sandtray in therapy*. Jessica Kingsley Publishers.
- Kosslyn, S., Ganis, G., & Thompson, W. (2001). Neural foundations of imagery. *Nat Rev Neurosci*. 2, 635-642. <https://doi.org/10.1038/35090055>
- Kress, G., & Leeuwen, T.V. (2020). *Reading Images: The Grammar of Visual Design* (3rd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003099857>
- Kvale, S. (2007). *Doing Interviews*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781849208963>
- McGuire, W., & Hull, R. F. C. (Eds.). (1978). *C. G. Jung speaking: Interviews and encounters*. Thames & Hudson Ltd.
- Morse, J. M., Barrett, M., Mayan, M., Olson, K., & Spiers, J. (2002). Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, 1(2), 13-22. <https://doi.org/10.1177/160940690200100202>
- Rensma, R. (2009). *The Innateness of Myth: A New Interpretation of Joseph Campbell's Reception of C.G. Jung*. Continuum. <https://doi.org/10.5040/9781472549457>

Rodulfo, M. (1993). *El niño del dibujo. Estudio psicoanalítico del grafismo y sus funciones en la construcción temprana del cuerpo*. Paidós.

Sá, C. P. de. (1988). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. EdUERJ.

Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos*. Imago.

Sant'Anna, P. A. (2001). *As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de dissertações e teses da Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-03022004-145412/publico/tde.pdf>

Santaella, L. M., Noth, W. (1999). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. Iluminuras.

Silveira, N. (1982). *Imagens do inconsciente*. Alhambra.

Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. (6a. ed.). Vozes.

Wahba, L. L. (2025). Entre o particular e o universal: A subjetivação simbólica no método junguiano. In I. Kublikowski, E. M. S. P. Kahhale & R. M. Tosta (Orgs.), *Pesquisas em psicologia clínica: Contextos e desafios* (2a ed., pp. 151–173). EDUC.

## NOTAS

1. Embora Jung não use a nomenclatura "método hermético-comparativo", o cerne de sua pesquisa e prática clínica é a interpretação profunda de símbolos (hermenêutica) em um contexto amplo e transcultural (comparativo). É com esse sentido que o termo será empregado nesse artigo.

Recebido em: 30/09/2024

Primeira decisão editorial em: 28/07/2025

Aceito em: 20/10/2025